



O ESTÁGIO NOS CURSOS DE LICENCIATURA: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES

Luana Rosalie Stahl - UFSM

Camila Fleck dos Santos - UFSM

Resumo

Este artigo resulta das reflexões sobre as experiências vivenciadas na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) nos cursos de Pedagogia e Licenciatura de Espanhol de uma Instituição de Ensino Superior do interior do Rio Grande do Sul. Ao (re) visitar os diários de classe da atividade de estágio, percebemos que, decorrido algum tempo cronológico da realização desta disciplina, nossos olhares sobre a prática sofreram transformações significativas. O ECS nos proporcionou experiências extremamente formadoras, pois, não só nos deu a oportunidade de vivenciar a docência e suas responsabilidades, mas modificou nossas ideias e atividades, ou seja, nossa identidade docente. Assim, revisitar nossos diários de classe foi relevante no sentido de observarmos que as dificuldades e os anseios podem até sofrer transformações, ser (re) significados e (re) pensados, mas estaremos sempre em constante processo de formação e desenvolvimento profissional.

Palavras-chave: Docência, Estágio, Processo de Formação.

Contextualizando o estudo...

Este artigo resulta das reflexões sobre as experiências vivenciadas na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) nos cursos de Pedagogia e Licenciatura em Espanhol de uma Instituição de Ensino Superior do interior do Rio Grande do Sul. Ao (re) visitar os diários de classe da atividade de estágio, percebemos que, decorrido algum tempo cronológico da realização desta disciplina, nossos olhares sobre a prática sofreram transformações significativas.

Entendemos que o processo formativo é contínuo e por isso mesmo passível a transformações no modo de conceber a docência e a prática pedagógica. Os diários de classe produzidos no último ECS dos cursos de graduação em questão serão os subsídios para reflexão sobre nosso processo formativo como professoras de ensino básico e a partir destes, pretendemos tecer algumas considerações sobre este processo. Neste sentido, os diários de estágio são uma fonte muito rica de pesquisa, pois neles o professor/estagiário registra sua

versão da prática pedagógica, bem como ele compreende o espaço escolar em que está inserido de uma forma pessoal e reflexiva.

Os fragmentos de diário de classe analisados neste trabalho foram produzidos em contextos distintos. No primeiro semestre de 2011, a professora pedagoga produziu os diários sobre a prática docente na turma de terceiro ano de uma escola pública; e no segundo semestre de 2009, a professora de espanhol, língua estrangeira, produziu seus diários de classe após ministrar aulas no grupo de oitavo ano também de uma escola pública. É importante salientar que o objetivo deste trabalho não é fazer julgamentos acerca das atividades práticas das professoras, mas (re) significar estas vivências após um olhar cuidadoso e crítico reflexivo sobre a importância destas para o desenvolvimento profissional.

Inicialmente buscamos discutir a formação inicial compreendida como uma etapa muito importante da constituição do ser professor; a instituição de ensino superior como àquela que proporcionará o título legal de professor, mas também como lugar de formação significativa e compartilhada. Em seguida, buscamos apontar nos fragmentos dos diários de estágio a elucidação do próprio processo formativo evidenciando a importância desta experiência e, por último, tecemos considerações que permitirão refletir sobre a formação inicial de professores para o ensino básico nas atuais condições.

Formação Inicial em questão: re (visitando) construtos teóricos e suas implicações no desenvolvimento profissional

Este trabalho está inserido no campo de investigação sobre formação de professores e objetivamos, neste momento, a formação inicial de professores desde a perspectiva de professoras recém-graduadas em cursos de licenciatura de uma Instituição de Ensino Superior Pública do interior do estado. Torna-se pertinente explicitar de antemão o que compreendemos por formação, evidenciando assim nossa perspectiva teórica.

Entendemos a formação de professores, de acordo com Marcelo García (1999), como campo de investigação que se concentra no estudo sobre os processos de aprender e desenvolver competência profissional. Para Marcelo García (1999, p. 26),

A Formação de Professores é a área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou em exercício – se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através dos quais adquirem ou melhoram os conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os

alunos recebem.

Dessa maneira, nossa concepção de formação vai ao encontro da ideia do autor, pois entendemos que mesmo antes de iniciar o curso de formação de professores, o estudante de licenciatura já possui vivências no campo profissional no qual atuará, uma vez que já teve experiências quando foi estudante da escola básica. Assim, enquanto estudante, no ensino básico ou superior, o professor-aluno já começa a desenvolver concepções acerca de ser professor, dos processos de ensinar e aprender, e do campo profissional no qual atuará.

Entendemos a formação inicial na perspectiva apresentada por Marcelo García (1999) como uma etapa na qual os conhecimentos formais são adquiridos dentro de um espaço institucional específico que visa à formação de professores. É nesta etapa que o futuro professor, na maioria das vezes, adquire conhecimentos pedagógicos e acadêmicos e realiza suas práticas de ensino.

Nesse sentido, como mencionamos anteriormente, o estudante de licenciatura, ao ingressar no ensino superior já possui algumas ideias e conceitos sobre a profissão escolhida, como o que é ensinar, aprender e avaliar. Assim, tais ideias vão sendo desenvolvidas, algumas são refutadas, outras, consolidadas no decorrer do período de graduação. Portanto, se por um lado entendemos a formação como um processo contínuo e amplo que engloba todos os contextos com o qual o professor interage, compreendemos que é na formação inicial, no curso de formação de professores em uma instituição de ensino superior, que o professor-aluno vai desenvolvendo e adquirindo competências para a docência, bem como, tendo maior contato com o campo de trabalho no qual atuará.

Diante disso, a universidade é um espaço de formação e aprendizagem institucionalizado. Neste espaço institucional de formação, são proporcionadas ao estudante de licenciatura as disciplinas acadêmicas e pedagógicas que deverão dar sustentação para o exercício da profissão. Cabe, entretanto, mencionar que enquanto espaço físico apenas, não há base sólida e significativa para o desenvolvimento profissional do professor em formação. Cunha (2008) esclarece que a instituição de ensino superior deve ser compreendida como lugar de formação, melhor dito, lugar onde o processo de formação é verdadeiramente significativo para os participantes envolvidos.

Ao pensarmos a formação de professores, trazemos Bolzan (2007) quando ressalta os objetivos da formação de professores,

o objetivo primeiro da formação de professores não deve ser apenas o de ensinar os alunos e professoras a ensinar, e sim ensinar-lhes a continuar aprendendo em contextos escolares diversos. Isso inclui refletir sobre a prática pedagógica,

compreender os problemas de ensino, analisar os currículos escolares, reconhecer a influência dos materiais didáticos nas escolhas pedagógicas, socializar as construções e trocar as experiências de modo a avançar em direção a novas aprendizagens, num constante exercício de uma prática reflexiva, colaborativa e coletiva (p.112).

Ponderamos que formação inicial é de fato relevante e significativa quando amplia a capacidade de aprender a buscar, investigar, incitar a curiosidade, refletir e discutir, e por isso consideramos estes aspectos como princípios do processo de formação. Neste sentido, os princípios de formação devem acompanhar o desenvolvimento profissional e o professor em formação precisa estar atento ao contexto educacional e social no qual está inserido. Para Imbernón (2006) a formação inicial é a fase na qual o professor em formação deve adquirir conhecimentos sólidos que balizem a atuação, mas também, construir uma atitude dialética e interativa.

O sistema educativo, assim como o social, político, econômico sofrem constantes transformações que influenciam direta ou indiretamente nos aspectos que compõem a vida na sociedade contemporânea, por este motivo o professor em formação precisa estar sempre atualizado, “criando estratégias e métodos de intervenção, cooperação, análise, reflexão; construir um estilo rigoroso e investigativo” (IMBERNÓN, 2006, p. 61).

Orientadas pela conceptualização de desenvolvimento profissional de professores do ensino superior de Isaia (2007) como um processo sistemático, organizado e intencional que envolve tanto o esforço dos professores como das instituições na qual atuam, entendemos que o desenvolvimento profissional de professores em formação para o ensino básico é também resultado de esforços em conjunto. Neste sentido, compreendemos que o desenvolvimento profissional do professor em formação inicial envolve a implicação direta do professor-aluno, dos professores das disciplinas específicas, do professor orientador das disciplinas de prática e do professor responsável pela disciplina na escola na qual o estagiário¹ estará inserido.

Partindo desse pressuposto, trazemos a seguir a importância do estágio, do registro e da reflexão para a formação de professores, pois compreendemos que são os três pilares da formação inicial que precisam ser consolidados de maneira sólida, crítica e reflexiva.

Importância do estágio, do registro e da reflexão para a formação do professor de ensino básico

¹ Entendemos por estagiário o estudante de licenciatura que está matriculado nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado e inserido em uma escola de ensino básico como contexto de aprendizagem profissional.

O sistema de educação brasileiro, os estudos e pesquisas realizadas nas últimas décadas têm dado cada vez mais atenção à formação de professores. As pesquisas atuais apontam para a necessidade de investimentos investigativos no âmbito da formação inicial de professores, na formação de formadores de professores para o ensino básico e nas relações que são decorrentes destes processos.

Neste sentido, ainda que nosso foco não seja a formação de professores para o ensino superior, faz-se necessário explicitar que entendemos a docência superior como uma ação complexa visto que, de acordo com Isaia; Bolzan (2009) uma das funções destes profissionais é formar futuros professores para o ensino básico ainda que não tenham formação específica para tal.

Pontuamos, assim, que nosso objetivo neste trabalho é sinalizar e discutir a partir da reflexão, alguns aspectos que nos fizeram pensar o processo formativo no qual estamos inseridos e, em especial, no que tange o processo de formação inicial, mais especificamente, a etapa experienciada no curso de licenciatura. De acordo com o Parecer CNE/CP 28/2001,

A licenciatura é uma licença, ou seja, trata-se de uma autorização, permissão ou concessão dada por uma autoridade pública competente para o exercício de uma atividade profissional, em conformidade com a legislação. A rigor, no âmbito do ensino público, esta licença só se completa após o resultado bem sucedido do estágio probatório exigido por lei. (p. 2)

Dessa forma, compreendemos que o termo licenciatura diz respeito a uma licença, permissão ou concessão para o exercício da docência. Nesse sentido, o estágio é uma inserção na realidade escolar, é vivenciar, de fato, o que é ser professor assumindo esta responsabilidade, e por este motivo, entendemos que esta atividade prática é essencial na formação do professor.

Cabe ressaltar, entretanto, que a prática da qual falamos não é a simples transferência dos conhecimentos adquiridos para a atividade e ação, e sim, uma prática reflexiva que esteja constantemente acompanhada de transformação. Neste sentido, Felício; Oliveira (2008) afirmam que deve haver uma transformação nos currículos dos cursos de formação com a intenção de modificar a ideia que se tem do estágio como uma disciplina isolada das outras. A primeira implicação direta desta postura é desenvolver no estágio a consciência de que o conhecimento que é mediado na sala de aula da educação básica não pode ser apresentado da mesma forma que na sala de aula universitária.

Nesta perspectiva é necessário “pensar um conjunto de articulações no interior do curso de graduação aliando-se um conjunto de disciplinas que permitam pensar sistematicamente um dado objeto a ser investigado ao longo do processo formativo”

(GHEDIN, 2007, p. 45-46). Entender a formação inicial e o processo formativo no viés da pesquisa é entender que nada está isolado, tudo faz parte de um todo. Esta perspectiva talvez pudesse diminuir a lacuna que existe nos cursos de formação quanto à relevância que se dá a certas disciplinas em detrimento de outras, o que resulta na fragmentação dos arcabouços do conhecimento que são tão importantes no desenvolvimento profissional.

Dessa forma, observamos que a profissão do professor exige muito mais que os conhecimentos específicos da área, mas um conjunto de conhecimentos, pois estes isolados não são suficientes. Ser professor não se limita ao ensino e a aprendizagem, envolve também a organização, o planejamento, conhecer a realidade em que está inserido, trabalhar com as diferenças sociais e culturais, mediar conflitos, trabalhar a favor da cooperação, etc. Tais competências exigem um conhecimento amplo da sociedade em geral, da política, exigem uma articulação entre o conhecimento específico e o que de fato ocorre na realidade. Portanto, trabalhar as disciplinas, durante o curso de graduação, independentes uma da outra pode prejudicar o desenvolvimento profissional do estudante, causando dificuldades no estágio e posteriormente na vida profissional.

Nessa direção, Zabalza (2007) salienta a importância de estabelecer um espaço compartilhado entre várias disciplinas e assuntos para desenvolver e reforçar as competências. Assim sendo, o autor coloca que a abordagem baseada em competências aponta para um modelo de ensino universitário que tem em vista a aquisição da "capacidade de agir", ou seja, um conjunto de conhecimentos e habilidades que os sujeitos necessitam para desenvolver algum tipo de atividade. Dessa forma, entendemos que esses conhecimentos precisam estar articulados e que é importante que o estudante compreenda que os conhecimentos teóricos e práticos são indissociáveis.

Assim, a disciplina de ECS é a oportunidade proporcionada ao acadêmico de licenciatura compreender a estrutura escolar, conhecer a realidade sócio-cultural, ter contato com a comunidade, incluindo pais, funcionários, estudantes bem como passar por situações que exijam dele tomadas de atitudes rápidas, desenvolvendo assim competências e possibilitam a articulação como outras disciplinas. Sobre isso, Gisi et al(2009) colocam que

Entende-se o estágio como uma oportunidade de inserção numa realidade, no caso, escolas de educação básica, permitindo a confrontação do saber acadêmico com o saber da escola, permitindo aos estudantes apreender como se dão as relações de trabalho. O exercício de inserção e distanciamento, quando permeado de análises do processo vivenciado, prepara o futuro professor para a possibilidade de contribuir com a formação. (p. 208)

Entretanto, o estágio por si só não alcança o seu objetivo se este não for permeado por reflexões e análises da prática pedagógica, pois, caso contrário, será apenas um fazer por fazer. Algumas vezes, os estudantes de licenciatura percebem somente com a prática do estágio curricular supervisionado o que significa exercer a profissão de professor, ou seja, vivenciam o papel de professor de uma turma, com todas as responsabilidades que nela estão implicados como avaliar, planejar, participar de reuniões com pais, etc. Neste caso, apontamos duas possibilidades: a frustração com a escolha profissional ou o “acordar para a profissão”.

Geralmente, nos cursos de licenciatura, as inserções na escola bem como os estágios só ocorrem nos últimos semestres da graduação. Nesse sentido, somente em contato com a escola e assumindo a profissão de docente que o estudante de licenciatura ratificará a sua escolha profissional, reafirmando a decisão realizada ao optar por um curso de licenciatura. Diante disso, alguns estudantes só percebem no final da graduação, ou seja, nos estágios, que não deseja ser professor, ocorrendo então, a frustração com a escolha profissional. Em outros casos, no período de estágio, os estudantes “acordam para a profissão” percebendo que ainda precisam aprender, e o estágio também corrobora sua escolha profissional.

Entre as atividades que estão presentes nesta etapa da formação, evidenciamos os registros da prática pedagógica, ou seja, a utilização de diário. Sobre isso, Zabalza (2004) coloca que “o que pretende-se explorar por meio do diário é, estritamente, o que configura ele como expressão da versão que o professor dá de sua própria atuação em aula e da perspectiva da pessoa que enfrenta. [...] No diário, o professor expõe, explica, interpreta sua ação diária na aula e fora dela” (p. 41). Compartilhando desta ideia, Alves (2004) coloca que,

Todavia, interessará situar o diário, antes de mais, no conjunto de instrumentos de recolha de dados biográficos, também designados por documentos pessoais, para lhe conferirmos o seu verdadeiro sentido e abrangência. Efectivamente, é sobejamente confirmado pela comunidade científica o uso de documentos pessoais na metodologia de investigação qualitativa. (p. 223)

Nesta perspectiva, o diário é considerado um instrumento de pesquisa em que documentos pessoais são analisados e discutidos. Portanto, tais registros proporcionam a reflexão do que foi vivenciado a partir das atividades propostas e do universo escolar. Isso permite revisitar, relembrar os detalhes que, se não forem registrados, muitas vezes acabam se perdendo, sendo esquecidos. Assim, os diários se tornam um instrumento rico para pesquisar como o sujeito tem compreendido a sua formação inicial.

Nesse sentido, validando a utilização de análise dos diários para a pesquisa, Zabalza

(2004) traz que

Do ponto de vista metodológico, os “diários” fazem parte de enfoque ou linhas de pesquisa baseados em “documentos pessoais” ou “narrações autobiográficas”. Esta corrente, de orientação basicamente qualitativa, foi adquirindo um grande relevo na pesquisa educativa dos últimos anos. (p. 14)

Partindo desse pressuposto é que surgiu o interesse de revisitar nossos diários de estágio, buscando novos olhares acerca da nossa formação docente. Em seus estudos sobre diários, Zabalza (2004) destaca duas variáveis básicas de diários: a riqueza informativa e a sistematicidade das observações recolhidas. Sobre a primeira variável, o autor ressalta que quanto mais polivalente for a informação que se oferece no diário, mais rico este fica. Assim, quando o diário contém informação objetiva-descritiva e reflexiva-pessoal, ele se torna um documento importante para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Em relação a segunda variável, Zabalza (2004) traz que a principal contribuição do diário é que ele permite realizar uma leitura diacrônica sobre os acontecimentos, tornando possível a análise da evolução dos fatos.

A partir deste ponto de vista, entendemos que ao rever as anotações, podemos pensar em novas alternativas, perceber os erros e os acertos na nossa prática pedagógica. Podemos refletir, relacionar e buscar embasamento teórico, repensar novos planejamentos, enfim, os registros permitem refletir sobre a ação assim como articular as diversas disciplinas realizadas durante a graduação. Assim, os diários dão a possibilidade de revisar elementos do mundo pessoal do professor que, muitas vezes, permanecem ocultos à sua própria percepção enquanto está envolvido nas ações diárias de trabalho (ZABALZA, 2004).

Sobre registrar e refletir, Warschauer (1993) destaca que

Registrar o não-documentado passa a ser de grande interesse para a compreensão da complexidade da escola. Da mesma forma, uma única sala de aula também é um mundo complexo, cheio de contrastes. Penetrar em seu interior, registrando sua (a) história(s) é também caminhar no sentido de um aprofundamento da compreensão das relações ali estabelecidas entre seus habitantes e o conhecimento (p. 31).

Portanto, o registro diário da ação pedagógica permite a reflexão, o pensar sobre o que se fez, como se fez, o que ocorreu, o que poderia ter sido feito de outra forma. É importante possibilitar uma auto-avaliação, ou seja, realizar uma análise e uma autocrítica sobre as questões que muitas vezes passaram despercebidas dentro da sala de aula e que só se recorda ao registrar.

Nesse sentido, entendemos também que a reflexão da prática pedagógica deve resultar no processo de reconstrução constante do ato educativo. Isso não ocorre de maneira mecânica,

precisa ser apreendido, exercitado. Sobre este processo, Bolzan (2007) afirma que

A reflexão não é um processo mecânico, tampouco um simples exercício de criação ou construção de novas idéias que pode ser imposto ao fazer docente, mas uma prática que expressa a tomada de decisões e as concepções que temos acerca da nossa ação pedagógica. (p. 120)

Nesse sentido, concordamos com a ideia de que a disciplina de estágio seja o “lócus de formação do professor reflexivo-pesquisador, de aprendizagens significativas da profissão, de cultura do magistério, de aproximação investigativa da realidade e do seu contexto social” (LIMA, 2008, p. 204). Vale, portanto, expressar que ao propor (re) visitar nossos diários de prática, estamos reconhecendo este exercício como construção de conhecimento a respeito do processo de ensino e aprendizagem, na construção da identidade profissional e da formação continuada entendida como o comprometimento coletivo, mas também individual que temos com a educação de qualidade.

Reflexões acerca da prática na disciplina de estágio supervisionado

Nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado (ECS), foi solicitado a produção de diários de classe, ou seja, diariamente, após o estágio, as estagiárias deveriam registrar de forma escrita o que decorreu no período de estágio. Não era para haver apenas um relato, mas uma reflexão acerca da prática pedagógica, momento em que as estagiárias colocariam seus sentimentos, propostas metodológicas que foram exitosas, bem como os planejamentos que não ocorreram como o desejado. O diário de classe também permitiria o registro de momentos inesperados na prática pedagógica assim como, mostraria como a estagiária estaria compreendendo o ambiente escolar, seu funcionamento e a importância da disciplina para a sua formação.

Dessa forma, analisaremos os diários de classe produzidos por uma pedagoga, que realizou seu estágio no período de período de 11 de abril a 27 de maio de 2011, no terceiro ano de uma escola pública. Os outros diários de classe a serem analisados são da professora de espanhol, língua estrangeira, que realizou seu estágio no oitavo ano de uma escola pública, o período de registros corresponde a 01 de julho de 2009 a 11 de novembro de 2009.

Observamos que as professoras demonstram claramente a concepção que têm sobre o Estágio Curricular Supervisionado, sua importância enquanto prática e exercício de desenvolvimento profissional.

Assim, o local de estágio é um espaço para ampliar meu entendimento, conhecer e

entender o contexto da escola, a realidade social, as políticas escolares, fazer parte desse ambiente, vivenciá-lo. Isso proporciona muitas inquietações, gera dúvidas, questionamentos nunca antes previstos e deve ser visto principalmente como um momento de investigação. Certamente, até o final do estágio, surgirão muitas dúvidas que talvez não sejam respondidas agora, outras situações que me levarão a pesquisar, a ler, a refletir. (11 de abril de 2011)

Cada dia que termino minhas aulas na escola me pergunto sobre o que poderia ter feito diferente, se a forma como agi, se minhas ações estão de acordo com aquilo que penso que um professor de línguas estrangeiras deve ser. (28 de outubro de 2009)

Os registros realizados pelas professoras evidenciam que o estágio é compreendido como um momento de investigação, ou seja, é visto como um amplo espaço de pesquisa. De acordo com o Ghedin (2007, p. 48) “o estágio como estudo, pesquisa e prática pedagógica da atividade docente cotidiana, envolve o exame das determinações sociais mais amplas, bem como da organização do trabalho nas escolas”. Dessa forma, corroborando, o parecer CNE/CP 28/2001, coloca que

Entre outros objetivos, pode-se dizer que o estágio curricular supervisionado pretende oferecer ao futuro licenciado um conhecimento do real em situação de trabalho, isto é diretamente em unidades escolares dos sistemas de ensino. É também um momento para se verificar e provar (em si e no outro) a realização das competências exigidas na prática profissional e exigíveis dos formandos, especialmente quanto à regência. Mas é também um momento para se acompanhar alguns aspectos da vida escolar que não acontecem de forma igualmente distribuída pelo semestre, concentrando-se mais em alguns aspectos que importa vivenciar. É o caso, por exemplo, da elaboração do projeto pedagógico, da matrícula, da organização das turmas e do tempo e espaço escolares. (p.10)

Portanto, fica assim evidenciado que o estagiário ao estar inserido na ambiente escolar passa automaticamente a vivenciar aquela realidade educacional, e busca deste contexto ampliar seus constructos acerca de ser professor. Sobre isso, Borges (2009) coloca que a formação no meio escolar deve aproximar o futuro professor das exigências diárias da profissão, ou seja, deve ser um momento de análise reflexiva em que o estagiário irá tomar consciência do desenvolvimento de suas competências e da evolução destas, identificando suas facilidades e dificuldades bem como, criando estratégias para superá-las.

Os excertos dos diários de classe explicitam também a inquietação frente aos desafios de ser professora regente da turma e as saídas pensadas para tais obstáculos. Os fragmentos a seguir exemplificam esta realidade:

Nesse estágio tenho visto os estudantes se desentenderem muito, fazerem fofocas, brigarem, discutirem, se baterem. Eu, muitas vezes, fico sem saber como agir, como interferir, pois, ao mesmo tempo em que eles precisam aprender a não depender dos outros para resolver seus problemas e serem autônomos, precisam de um mediador que os ajude a refletir sobre suas ações e os auxilie na construção de seu equilíbrio emocional e na capacidade de enfrentamento. Desta forma, em meio as

diversas situações de desentendimentos em sala de aula, sinto dificuldade em mediar e intervir de maneira correta e justa sem tomar partido. (12 de abril de 2011)

Percebi que não entendiam as regras do uso correto de “muy y mucho” não porque não compreendiam o conteúdo que eu os apresentava e sim porque não sabiam o que são adjetivos, substantivos e advérbios. Esta realidade é um exemplo da grande lacuna que existe entre as diversas disciplinas das escolas. Com certeza os alunos já haviam estudado estas classes de palavras na disciplina de língua portuguesa, mas não conseguiam fazer a ponte entre esta disciplina e a de língua estrangeira. Depois de alguns instantes refletindo sobre o que fazer para solucionar esta falha de articulação, peguei o giz, e no quadro negro coloquei diversos exemplos fazendo com que os alunos participassem respondendo de que classe e por que. O resultado da atividade de improviso: “Ah era isso?! Nós não sabíamos!” (30 de setembro de 2009)

Diante disso, percebemos que a reflexão das situações que ocorrem em sala de aula, permite uma conscientização da situação bem como das crenças e teorias do professor. A partir disso, é possível reestruturar o seu conhecimento, buscar e desenvolver novas estratégias com o intuito de resolver e mediar às situações sob uma nova perspectiva, sempre priorizando o ensino e a aprendizagem efetiva dos estudantes. As dificuldades e desafios relatados pelas professoras são comuns nas práticas de estágio e inclusive no exercício de professores com anos de experiência. Cabe assim, ao professor desenvolver, de acordo com os aportes teóricos e com suas experiências, enquanto professor-aluno, estratégias que viabilizem o seu trabalho priorizando sempre o objetivo primeiro da profissão: auxiliar o estudante na construção e desenvolvimento do conhecimento.

Ressaltamos a importância do planejamento da aula. Este, deve se estruturar a partir de objetivos claros, que, por sua vez, dialoguem com as exigências dos currículos e regimentos que sustentam o processo educacional, levando em consideração o nível de desenvolvimento dos estudantes bem como, a realidade na qual a escola está inserida. Dessa forma, o planejamento pode ser modificado em detrimento e acordo o retorno e o interesse dos estudantes ao que foi proposto. Assim, o planejamento é flexível.

Para Libâneo (1994)

o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino (p.221).

Portanto, planejar para uma turma com estudantes em vários níveis de aprendizagem pode ser, muitas vezes, assustador para o estagiário. Propor atividades diversificadas, que incluam a todos os estudantes e contribuam para a efetiva aprendizagem do estudante exige muitas competências como organização de um plano de aula, conhecimento dos conteúdos a

serem trabalhados, didática, sensibilidade e segurança para mudar o planejamento durante a aula, caso seja necessário, entre outras competências. Muitas vezes, pelo fato do estagiário ter pouca experiência em regência de turma, o planejamento pode ser motivo de questionamentos, dúvidas e desafios a serem transpostos, como evidenciam os fragmentos abaixo.

Mesmo no final do estágio, ainda não consigo dar conta das diferenças no desenvolvimento de cada criança, mediar o planejamento de maneira que contemple a todos, sem excluir ou sem privilegiar ninguém. Na minha turma tem quatro crianças que ainda não lêem e não escrevem caso alguém não esteja junto. Como realizar atividades que incluam essas crianças? [...] O que parece tão simples de falar, no momento de fazer, é muito difícil. Como trabalhar com cada criança individualmente a sua dificuldade, desenvolver e promover as suas potencialidades? (18 de maio de 2011)

A função do professor de língua estrangeira na escola vai muito além daquilo que é planejado para uma aula, muitas vezes, a proposta e objetivos do planejamento não foram alcançados porque os estudantes precisam falar, ainda que não sobre o conteúdo objeto da aula. Hoje foi necessário que eu retomasse conhecimentos da língua portuguesa para que finalmente conseguisse desenvolver a tarefa que havia planejado para a aula de espanhol. Enfim, meu planejamento de aula não foi concretizado no dia de hoje e estou muito preocupada, pois os alunos não conseguem relacionar os conteúdos que aprendem. Percebi a necessidade de integração das diversas disciplinas. (02 de outubro de 2009)

Os fragmentos explicitam a preocupação das professoras com relação ao desenvolvimento de suas aulas. Fica evidente, no primeiro excerto, a preocupação da educadora com os estudantes que não alcançaram ainda o nível esperado. A angústia diante de situações tão adversas de aprendizagem e a função de mediar o ensino. No segundo excerto fica evidenciada, a questão do planejamento e dos conteúdos. Como trabalhar os conhecimentos de língua espanhola, se os estudantes não conseguem articular os conteúdos que são trabalhados em outras disciplinas? Como mediar a construção do conhecimento dos meus estudantes?

Tais questionamentos, enfrentamentos, dúvidas e desafios nos mobilizaram a buscar nossos diários de classe realizados durante a prática no curso de formação de professores com o intuito de revisitar nosso processo formativo inicial e incitar novas reflexões. Dessa forma, desenvolvemos novas maneiras de pensar, de reconhecer, de aprender com os erros, de orientar as ações futuras, buscar novos autores e outras soluções.

Reflexões Finais: (re) significando a prática de estágio

Ao lermos novamente os diários de classe para a elaboração deste trabalho,

relembramos um período tão significativo na nossa formação, tão cheio de detalhes, ricos em experiências novas e descobertas. Portanto, revisitamos o que ocorreu no período de estágio refletindo e problematizando, revendo e reconstruindo. Dessa forma, foi possível explorar nossos anseios e percepções do estágio e no estágio, buscando explorar estes registros com o intuito de compreender a importância desse momento na nossa formação docente e o como buscávamos relacionar nossas concepções pedagógicas com as nossas ações como professoras.

Nesse sentido, a discussão e reflexão dos registros intensificou a importância de realizar estudos de aprofundamento teórico que articulem a formação inicial de professores e a prática do Estágio Curricular Supervisionado, pois esse período ultrapassa o tempo e o espaço da disciplina, proporcionando ao professor-aluno momentos de reflexão, pesquisa e investigação. Dessa forma, o estágio caracteriza-se como uma rica experiência formativa.

Cabe ressaltar que só foi possível articular as vivências do ECS porque houve o registro diário das estagiárias. Nesse sentido, trazemos a importância dos diários de classe, sendo este uma ferramenta que contribui para a reflexão sobre a prática pedagógica. Dessa forma, entendemos que a reflexão não é algo inerente ao sujeito, mas é um exercício, algo que precisa ser exercitado, aprendido.

Portanto, podemos afirmar que o ECS nos proporcionou experiências extremamente formadoras, pois, não só nos deu a oportunidade de vivenciar a docência e suas responsabilidades, mas modificou nossas ideias e atividades, ou seja, nossa identidade docente. Assim, visitar nossos diários de classe foi relevante no sentido de observarmos que as dificuldades e os anseios podem até sofrer transformações, ser (re) significados e (re) pensados, mas estaremos sempre em constante processo de formação e desenvolvimento profissional.

Referencias Bibliográficas

ALVES, F. C. Diário - um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas. In: **Millenium**, Revista do ISPV, n.º 29, p. 222 a 239, 2004.

BOLZAN, Dóris P. V. A construção do conhecimento pedagógico compartilhado na formação de professores. In FREITAS, Deisi S. (org.). **Ações educativas e estágios curriculares supervisionados**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007.

BORGES, C. Os saberes docentes e a prática de ensino: a escola como locus central da formação inicial. In ENS, Romilda Teodora (org.). **Trabalho do professor e saberes docentes**. Curitiba: Champagnat, 2009.

BRASIL, **PARECER CNE/CP 28/2001**. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Despacho do Ministro em 17/1/2002, publicado no Diário Oficial da União de 18/1/2002, Seção 1, p. 31. Disponível em: portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf
Acesso: 12/03/2012

CUNHA, M. I. . Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. **Educação Unisinos**, v. 12, p. 182-186, 2008.

FELÍCIO, H. M. D.; OLIVEIRA, R. A. **A formação prática de professores no estágio curricular**. In: *Educar*, Curitiba, n. 2, p. 215-232, 2008. Editora UGPR. Disponível em: ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/download/5838/9382. Acesso em: 17/02/2012.

GHEDIN, E. Estágio, pesquisa e a produção do conhecimento na formação de professores (as). In: **II Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**, 2007, Anápolis. A didática e os diferentes espaços, tempos e modos de aprender e ensinar. Anápolis: UEG/UniEvangélica/UFG/UCG, 2007, v. 1, p. 43-68. Disponível em: http://www.cepud.ueg.br/anais/IIedipe/pdfs/conferencia/estagio_pesquisa_%20producao.pdf. Acesso em: 17/02/2012.

GISI, Maria Lourdes; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; Romanowski, Joana Paulin. O estágio nos cursos de licenciatura. In ENS, Romilda Teodora (org.). **Trabalho do professor e saberes docentes**. Curitiba: Champagnat, 2009.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2006.

ISAIA, S. M. A. Aprendizagem docente como articuladora da formação e do desenvolvimento profissional dos professores da Educação Superior. In: Engers, Maria Emília; Morosini, Marília. (Org.). **Pedagogia Universitária e Aprendizagem**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, v. 2, p. 153-165.

ISAIA, S. M. A.; BOLZAN, D. P. V. Construção da profissão docente: possibilidades e desafios para a formação. In: ISAIA, S. M. A.; BOLZAN, D. P. V.; MACIEL, A. M. R. (Org.) **Pedagogia Universitária: tecendo redes sobre a Educação Superior**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, M. S. L. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr., 2008. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?ddl=1836&dd99=view>. Acesso em 17/02/2012.

MARCELO GARCÍA, C. **Formação de Professores. Para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula- um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed: 2004.

___ **El trabajo por competencias en la enseñanza Universitaria.** [S.l; s.n], 2007. Disponível em: <http://www.upd.edu.mx/varios/simpdidac2007/Zabalza.pdf> Acessado em 25 de jun de 2011.

WARSCHAUER, C. A Roda e o Registro: uma parceria entre o professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.